



# O futuro chegou!

**N**um domingo recente, o Parque Ibirapuera, em São Paulo, suspirou diferente. As árvores, guardiãs silenciosas de tantos encontros, escutaram um sussurro que não vinha do vento, mas de um homem que cruzou o mundo para falar de nós... humanos.

Yuval Harari pisou no palco e parecia carregar mais que palavras: trazia espelhos.

Espelhos nos quais vislumbramos a estranheza do que criamos: uma inteligência que não dorme, não ama, não esquece.

Uma inteligência que tem o poder de nos salvar — ou de se tornar nossa dissolução.

Ele alertou que o risco não se veste de maldade, mas de imprevisibilidade. E naquele instante, como

se o tempo se curvasse, a audiência sentiu o peso de algo que já escapou às nossas mãos. Sinceramente, eu senti um arrepio subir por minha coluna vertebral ao ouvir seus questionamentos.

Como acreditar em algo que escapa à nossa compreensão, se antes mal conseguimos confiar uns nos outros?

A advertência se fez clara: se estivermos fragmentados, a IA não será ponte — será prisão. Não será amiga — será abismo.

No entanto, pude vislumbrar uma luz nas frestas do discurso. Harari, historiador do humano, lembrou que a chave não está nas máquinas, mas na sutileza da cooperação. É no fio invisível da confiança que ainda podemos tecer o futuro.

Realmente sua mensagem fez todo o sentido para mim. Concordo que se estivermos divididos, a IA não será uma ferramenta genial, mas uma ameaça, afinal ela se nutre das informações que jogamos em seu universo paralelo.

E, então, como se o destino quisesse sublinhar sua fala, veio Gilberto Gil. A música inundou o auditório como quem diz: o futuro é incerto — mas continuamos a dançar. Continuamos a cantar.

E enquanto houver canção, haverá esperança.

Naquela noite, São Paulo não ouviu apenas um pensador. Ouviu o próprio tempo sussurrar que a história ainda não está escrita.

Ela pulsa — nas pequenas ações, na confiança, no que ainda somos capazes de cantar juntos.